

Manoel Arão,

610

(EM 3 ACTOS)

DRAMA DO ODIO



1900
José Luiz da Fonseca Magalhães, editor
LIVRARIA MAGALHÃES
Fundada em 9 d'Outubro de 1888, Rua de Palacio, 26
BAHIA

A Romualdo de Figueiredo,
com os sentimentos de
admiração e estima de
Maurício Prato.

Recife
10-3-9



DRAMA DO ODIO



DRAMA DO ODIO

(EM 3 ACTOS)

POR

Manoel Arão

OBRAS DO MESMO AUCTOR:

ADULTERA, José Luiz da Fonseca Magalhães, editor,
1897, Bahia.

MAGDÁ, Recife.



1900

José Luiz da Fonseca Magalhães, editor

LIVRARIA MAGALHÃES

Fundada em 9 d'Outubro de 1888, Rua de Palacio, 26

BAHIA

IMPRESA MODERNA de Prudencio de Carvalho -- Bahia

Personagens

MAGDALENA AUGUSTA.
CHRISPIM, velho famulo.
ANTONIO DA SILVEIRA, negociante.
ADALBERTO.
CONSELHEIRO SOUZA.
TAVARES, critico theatral.
J. AUTRAN, poeta.
ALBERTO GOMES, guarda-livros.
DECIO SILVEIRA, jornalista.
ABELARDO, romancista.

EPOCHA — ACTUALIDADE.



PRIMEIRO ACTO

(Sala de modesta apparencia e cuidadosamente arranjada. Dois consolos dispostos symetricamente; um sofá ao lado. Ao centro uma pequena mesa redonda, em torno á qual estão dispostas algumas cadeiras).

—x—

SCENA I

Chrispim (Só).

(Com ar pensativo, junto á mesa do centro, a frente um tanto obatida, repousando n'uma das mãos. Falla depois de um breve silencio). Somos aqui tres em graça de Deus, porém tres em quem a Providencia tem querido provar os corações. (Sorrindo tristemente). Um arremedo da Trindade Divina, comparando mal: deixe-me dizer a mim proprio para rir um instante dos nossos males, já que as lagrimas têm sido inefficazes. A tia Custodia é o Padre Eterno da casa (salvo seja); a menina Magdalena é a filha—filha, bem entendido, cá dos nossos corações; e eu, guardadas as devidas relatividades, sou um espirito, que não deixo de ser santo, uma vez que sou um santo espirito. (Meditando). Minha bôa Magdalena!

quem foste e quem és! Outr'ora rica e adorada e hoje... hoje todos querem tirar a partilha de sua miseria. Sim! esse Adalberto é igual ao outro — o infame! — que primeiro seduziu-a. Mas é preciso agora desmanchar a intriga. Sim, vou dizer-lh'o, embora ella soffra, porque muito o ama. (*Reparando para o interior; n'outro tom*). Ah! vem ella... Tão tranquillã!... Não, não digo agora! Tenho medo de vel-a chorar. O coração me estala quando uma lagrima desce dos seus olhos. Não direi nada! (*Muda a expressão physionomica*).

SCENA II

Chrispim e Magdalena

MAGDALENA — (*Entra risonha e saltitante*). Parece-me hoje triste, meu amigo?

CHRISPIM — Não é nada, minha menina... Estava cá a matutar commigo mesmo... Tolices...

MAGDALENA — Robugices de velho, talvez... Aposto que já andas mesmo com idéas de velho.

CHRISPIM — Podera, não! Já me vou sentido velho. Vê esta curva? (*apontando para a linha do corpo*). E' a attracção do tumulto...

MAGDALENA — Que mão! quer entristecer-me..

CHRISPIM — Vi a menina tão pequenita! (*sorrido*). Lembra-se de quando zangava-se commigo si eu não podia pegar-lhe as borboletas azues?

MAGDALENA — Ora, ah! têm! De triste, já ficaste alegre, apenas trocamos duas palavras. Não ha como querer-se bem, viver a gente só para outrem...

CHRISPIM — E' justamente, menina... E' por isto que eu estava a matutar. Quero-lhe tanto! Este relógio que aqui dentro faz *tic-tac* é mesmo um *capêta*.

MAGDALENA — (*Expansiva*). Deveras? Pois dar-se-á o caso que andes apaixonado? Tem graça, tem graça! Ora bem razão tinha aquelle philosopho em afirmar que o coração é um louco, que nunca envelhece.

CHRISPIM — A menina está a zombar pela despreocupação de sua idade. Bem sabe que eu já não dou p'ra essas coisas. Vivo ah! rolando, sem ser pipa, sou sombra de outra vida, coração que só palpita porque tem junto o seu, menina, para aquecel-o...

MAGDALENA — Onde queres chegar com tudo isto, meu amiguinho? Estás funebre, cruze!

CHRISPIM — Estava aqui a pensar na menina, quando chegou...

MAGDALENA — E então?

CHRISPIM — Bem sabe quanto a estimo e como a menor coisa que possa affligil-a me perturba, assemelhando-se-me uma nova desgraça. Temos soffrido tanto...

MAGDALENA — (*Inquieta*). Mas de que se trata? Assustas-me com essa maneira de fallar! Adivinho que tens ponderosos motivos, talvez...

CHRISPIM — Não é nada... são rabugices...

MAGDALENA — Isto não é verdade, Chrispim. Leio-o em sua physionomia. Não se arreceie de m'ò confessar. Sei que apenas temes affligir-me. Ah! não sabes como n'esta idade meu coração está blindado contra os soffrimentos? Receia que mais uma gotta faça transbordar o calix de amargura.

Obrigada! mas as tempestades da vida já me não assustão! as luctas do tormentoso oceano da vida formaram em torno do meu coração uma couraça de bronze. Depois, a vida não é em si a propria lucta? Resistil-a, eis o condão das almas eleitas.

CHRISPIM — Mas não se afflija, por enquanto. Nada ha por hora. Apenas um presentimento meu e um conselho que desejaria dar-lhe, si m'o permitisse...

MAGDALENA — Dize-o, bom amigo! Sabes como sempre ouço e respeito as tuas palavras.

CHRISPIM — Responda com sinceridade: tem confiança nas intenções do Sr. Adalberto?

MAGDALENA — Mas essa pergunta assusta-me! Dir-se-ia que desconfia d'elle? Pois Adalberto não pediu desinteressadamente a minha mão, perdando assim a falta por mim commettida, n'um momento em que um libertino aproveitara-se de minha penuria e de um momento de irresponsabilidade para esfolhar as flores de minha virgindade?

CHRISPIM — Por Deus! não me recorde isso, menina!

MAGDALENA — Não é verdade, pois, que Adalberto assim procedendo não poderia ter intenção de enganar-me? Não, meu bom amigo. E' preciso não sermos incredulos a esse ponto extremo! E' forçoso crer que entre a devassidão do mundo, entre as misérias que nos assoberbão, nos escombros do edificio social, que desaba apodrecido e gasto sobre a chaga cancerosa, que mina o mundo e o avassalla — ha ainda corações bem formados, almas simples e nobres, que saibam praticar o bem pela consciencia do bem. São esses como os astros

que brilham tanto mais quanto mais profunda é a noite!

CHRISPIM — Eu sei... eu sei... A menina ama-o e é contra a cegueira d'esse amor que desejo prevenil-a. Fique tranquilla, porém, não se inquiete pelo que eu digo. (*Aparte*). Definitivamente já nem sei o que hei de dizer-lhe. (*Alto*). E' só para prevenil-a. Olhe, menina, o coração dos homens é muito mão. E' preciso muito cuidado, muito cuidadinho... (*Mudando de tom*). Mas passando de um pólo a outro: o tal sr. Silveira, o homem da loja, mandou dizer-lhe que vinha cá a esta hora. E não deve tardar por ahí... Eu deixo-a; vou alli fazer umas compras. (*Aparte*). Deixa-te estar, meu Adalberto de uma figa, que não has de conseguir. (*Alto, beijando Magdalena ao sahir*). Tenha muito juizinho, ouviu? (*Sae.*)

SCENA III

Magdalena (*Só*).

Pobre amigo! tem receio de tudo. Estima-me tanto que a menor coisa se lhe afigura uma desgraça... Depois de meu pae não tem sido a sua nobre dedicação, o meu mais seguro amparo? (*Pausa*). Mas porque desconfia elle de Adalberto? Dir-se-ia que tem um motivo muito serio para assim proceder! Quem sabe? mas não! (*Tira uma carta do seio e lê*). «Eu perdôo de todo o meu coração a tua falta e hei de affrontar o preconceito, dando-te o meu nome. A sociedade lançar-me-á talvez em rosto, o seu anathema, e eu jogar-lhe-ei em troco, como uma vergastada, a felicidade que

hei de sentir ao teu lado, junto ao calor vivificante do teu seio, perto da ternura infinita do teu coração. A felicidade, minha amiga, não é a ambição do irrealisavel, não é o sonho do ouro, não é a febre do poderio, não é a insensatez obcecada de dominar o mundo: a felicidade é apenas a conformação do que somos, é o desejo d'aquillo que está nos limites da nossa possibilidade. Tu me bastas para a minha felicidade: o mundo profanou-te, mas tu subsistes pura para mim. Eu prefereria sempre uma alma virgem n'um corpo profanado, a possuir uma alma polluida n'um corpo inviolado. Que me importa a mim o mundo? Tu me resumes o mundo e a vida! Que culpa tens tu, que um ente abjecto comprasse a tua virgindade — a virgindade do teu corpo por um pedaço de pão, quando havia fome em tua casa! Não; tu és pura para mim, entre as mais puras; se não tens o dinheiro para comprar a tua posição na sociedade, tens o altar de um coração honesto, onde serás adorada! Consente que eu te ame, e eu serei o mais feliz dos homens. Longe do bulício torpe do mundo, longe das perfidias da sociedade, nós occultaremos o nosso amor de todas as vistas profanas, como as aves que tecem seus ninhos nas solidões das florestas». (*Dobra a carta entre as mãos meditando*) Não! quem escreve isto é sincero: escreve com a alma de joelhos, na attitude de uma oração; quem falla assim, falla pela bocca da Providencia. Meu Deus! para que elle mentisse seria preciso que a vossa lei não fosse a suprema misericordia e o perdão supremo. O meu velho amigo toma-se certamente de vãos escrupulos!

SCENA IV

Magdalena e Chrispim

MAGDALENA — (*Avistando Chrispim, que entra pelo F.*). Ah! meu amigo! Voltaste muito depressa! Vens de certo pedir-me perdão de ter-me feito ficar apprehensiva, a pensar em coisas tristes...

CHRISPIM — Louquinha! (*Beijando-a na testa*). Não ha de tomar juizo, heim? E' preciso ter juizo, muito juizinho.

MAGDALENA — (*Infantilmente*). Para que me entristeces? Ha pouco fallaste-me de uma maneira tão exquisita do Sr. Adalberto, quando elle tem sido tão bom para commigo, para commigo, sobretudo...

CHRISPIM — Eu sei... eu sei... Mas não é para contrarial-a. E' que estes cabellos brancos têm me dado tanta experiencia!... O mundo é tão mão e occulta tantos abysmos entre flores...

MAGDALENA — (*Com um gesto contrariado*). Mas ahí está; persistes em continuar triste... Olha, vai espairosear um pouco as tuas ideias lá por dentro, com a tia Custodia, que está a custurar. (*Risonha*). Volta quando estiveres mais alegre. O Sr. Adalberto não pode tardar ahí! (*Reflectindo*). Ah! creio que teremos antes o negociante Silveira, que ha de vir buscar as costuras. Que massada! (*Sorrindo com ironia*). Sabes, meu amigo? E' um apaixonado interessante, que tenho... Vive constantemente a fazer-me madrigaes a seu modo...

CHRISPIM — Sempre é uma creança, a menina! Eu quero porém agora fallar-lhe muito serio...

MAGDALENA — Jesus! espantas-me!

CHRISPIM — Como encontrei, ha pouco, na rua, o Sr. Adalberto...

MAGDALENA — (*Com transporte*). Ah! encontraste-o? Elle disse naturalmente que vinha até cá, não é assim? Ah! não sabes como estou contente... (*Batendo palmas, satisfeita*). Ha tantos dias que não nos vemos...

CHRISPIM — (*Melancolico*) Mas ouça, menina: elle disse-me que vinha cá d'aqui a alguns momentos... Quero porém que me prometta o que vou pedir-lhe.

MAGDALENA — Prometto. Mas juro que tanta solemnidade hoje vai-me francamente desconcertando!

CHRISPIM — Assim é infelizmente preciso, em nome de minha lealdade. (*Tristemente*). Ah! nós já não temos motivos para confiar no mundo. A nossa pobreza, após o fausto de meu velho amigo e seu pai, tem sido para nós, hoje desamparados, uma dura experiencia. Lembra-se da historia de sua desgraçada seducção?

MAGDALENA — Por Deus, não me recorde mais isto. Bem sabe quanto me dóe!

CHRISPIM — Pois eu quero evitar que outra desgraça semelhante venha ferir-nos!

MAGDALENA — (*Assustada*). Mas o que sabe? Que relação pode ter tudo isto com o sr. Adalberto? Ah! não se pode ser mais generoso do que elle. Deshonrada, como eu sou, elle comprehendeu que não podia eu ser responsavel, moralmente, pelo meu proprio acto, embora o preconceito social me cobrisse com o seu stygma indelevel...

CHRISPIM — Sim, eu o sei... Mas...

MAGDALENA — (*No mesmo tom caloroso*)... e

resolveu dar-me o seu nome, consentindo em acceitar-me como esposa. Tu sabes, meu amigo, como eu oppuz-me contra o nobre sacrificio d'esse moço e como elle, com uma admiravel tenacidade e prova de affecto, não quiz afastar-se, uma só linha, do seu intento. Não me é licito, pois, duvidar; seria duvidar em demasia de todosos homens, seria mesmo duvidar da misericordia do alto.

CHRISPIM — Bem, bem; não se exalte. Eu explicar-me-ei depois. Eu sei que tem razão para dizer isto, pois que tem soffrido demais para a sua idade. O que eu desejava pedir-lhe era que consentisse fallar aqui a sós com o sr. Adalberto, sem que a menina tenha os ouvidos collados á porta. Dir-lhe-ei depois tudo como seu grande amigo...

MAGDALENA — Pois, prometto, já que o queres... (*A parte*). O que será? (*Alto*). Ah! tenho presentimentos ruins...

CHRISPIM — Não desamine, porém. Apesar de tudo, Deus não ha de desamparar-nos. A sua infinita misericordia vela pelos que soffrem porque estes terão de ser consolados um dia. Sejamos fortes, como até hoje, contra todos os infortunios. Tenhamos fé na virtude que é o unico caminho da felicidade. (*Mudando de tom; paternalmente*). Mas vamos conversar um pouco com a tia Custodia: é preciso distrair os pensamentos tristes... (*Saem*).

SCENA V

Antonio da Silveira (*Só*).

(*Entra abraçando um embrulho de fazendas*).

Ninguém por cá... Isto não me impede que eu vá entrando e me abancando... (*Sentiu-se*). Muito bem! descancemos as pernas. Eu podia perfeitamente ter-me dispensado d'este trabalho, mandando por cá o meu caixeiro. Mas nada... eu cá tenho os meus planos... A menina é um peixão! Aquillo não é lá cousa que se possa desperdiçar. Eu estou aqui, e estou de deuto — salvo seja. O diabo é que até agora nem uma esperançinha... E' dura de roer, o diabrete... Aquillo são luxos. Eu cá não acredito n'essas virtudes. Deus louvado, ou graças ao diabo, como queiram. Sou um homem pratico, homem de dinheiro, apesar da minha modesta apparencia; para mim toda a questão do mundo é uma questão de preço. Esse moralista, esse Chrispim, um criado velho que passou a tutor da casa, atrapalha-me realmente um pouco... O tal Adalberto, esse não... Andou-me aqui fazendo de competidor, porém comprehendeu a cousa melhor e vae casar ali com a filha de um burguez dinheiroso. E o que é engraçado é que dizem, que tambem ella, como esta d'aqui, n'outros tempos... bumba! Ora adeus! Não ha difficuldades para mim! Depois eu reuno o util ao agradável: tenho dinheiro e não sou um rapaz feio... De certo, não! até bem apessado, bem empernado, um certo *chic* e etc e tal... Dou hoje o golpe final, está resolvido! (*Tirando um papel do bolso*). Cá está o perfumado bilhete que tenho de dar-lhe ao sahir! Por signal que custou-me os 2\$000 que emprestei ao Paulino, o meu poeta, que apesar de nephelibata, como dizem por ahí, é geitoso como o diabo! (*Lê silenciosamente o papel*). A isto ninguém resiste, aposto.

SCENA VI

A. da Silveira e Magdalena

MAGDALENA—(*Risonha e ironica*). Estava aqui! o Sr. Silveira? (*A parte*). Aqui temos o cacete-mór!

SILVEIRA—(*Guardando o papel, atrapalhado*). E' verdade, é verdade, minha formosa menina... cheguei justamente agora...

MAGDALENA— Vem trazer-me novas peças para costurar, não é? Olhe, cá estão promptas as que deixou n'outro dia.

SILVEIRA— Perfeitamente... perfeitamente... (*A parte*). E' preciso um galanteio, agora (*Alto, aproximando-se*). Perfeitamente... dou-me sempre bem lidando com as meninas trabalhadoras e formosas... (*A parte*). Pegarão as bichas?

MAGDALENA— Deixe-se de lisonjas... Vamos a saber o que nos interessa a ambos.

SILVEIRA—(*A parte*). Vai bem, a coisa... (*Alto*). Isto tambem nos interessa... Bem sabe que eu... (*A parte*). Diabo! cá me esqueci do que o Paulino me ensinou.

MAGDALENA— Deixe-se de massadas, Sr. Silveira. Si continúa a dizer tolices, eu chamo o Chrispim.

SILVEIRA— Ai, não! não é preciso! Ora essa! A menina agasta-se muito depressa (*A parte*). Peiorou agora o capitulo! Sou decididamente um asno.

MAGDALENA— Vejamos as costuras...

SILVEIRA— (*Destacando peças do embrulho*). Perfeitamente... Isto aqui são calças. Pago-lhe a

mil réis o par... por ser a menina. (*N'outro tom*). Está hoje tão bonita!...

MAGDALENA—Obrigada! Seu collega da esquina offereceu-me a 1\$200.

SILVEIRA—Pois não seja esta a duvida. Fica pelo precinho. Não quero a menina zangada com-migo. (*N'outro tom*). Veja que bocca tão chic! (*A parte*). Esta é do Paulino.

MAGDALENA—(*A parte*). Raios o parta. (*Alto*). O que mais temos?

SILVEIRA—Cobertas... E' o precinho velho: um crusado... (*N'outro tom*). E que cintura galante!

MAGDALENA—Não quero mais por tal preço; tenho a 500 réis...

SILVEIRA—Vá lá... A menina está hoje pechincheira de mais. (*N'outro tom*). Veja que olhos tão faceiros!...

MAGDALENA—Mão, mão! eu chamo Chrispim...

SILVEIRA—Perdão! não é offensa gabar-lhe a boniteza... Depois... eu tenho dinheiro...

MAGDALENA—E' lá para o senhor... A mim não faz conta...

SILVEIRA—(*A parte*). Que burrice! (*Alto*). Não é isto o que eu queria dizer. Sabe que eu sou um rapaz bonito... (*A parte*). Nova cavallice!

MAGDALENA—(*Mirando-o*). Bonito! tem graça! Nunca possuiu um espelho?

SILVEIRA—Não é nada disto que queria dizer... A menina está a atrapalhar-me. (*N'outro tom*). Pois si está hoje uma tentação des diabos!

MAGDALENA—(*A parte*). Que cacete! (*Alto*). Adiante... O que mais temos? Veja a nossa conta corrente... Não trouxe?

SILVEIRA—(*A parte*). Ah! que magnifica ideia! (*Alto*). Perfeitamente... aqui está a conta. (*A parte*). Ah! vai o bilhete! (*Alto, impedindo-a de desdobrar o bilhete*). Verá isso depois. Tem saldo a seu favor.

MAGDALENA—Muito bem, estamos entendidos.

SILVEIRA—(*A parte*). Raspo-me por via das duvidas e do Chrispim. (*Alto*). Pois, estamos. (*Sublinhando*). Queira-me bem, que não custa dinheiro. (*A parte, sahindo*). Aposto que não resiste àquillo. (*Di porta do fundo*). E que torrão de assucar canli! (*Sae*).

SCENA VII

Magdalena (*Só*).

Afinal, eu tenho necessidade, por ora, de contemporarizar com esse nescio. Que hei de fazer? Dá-me trabalho e não me paga mal. Tenho fé que isso não ha de durar muito, e logo que Adalberto possa dar cumprimento a sua palavra empenhada, eu estou livre d'esse tratante. Mas vejamos a conta que elle me deixou, assim com aquelles ares mysteriosos. Pelos meus calculos, eu devo ter bom saldo a meu favor. Vejamos (*Abre o papel e repara*). E esta! Dir-se-ia que temos uma missiva em logar de uma conta? Algum engano certamente! Mas aqui está o meu nome. E' celebre! Vejamos porém o que diz isso. (*Lê*). «Formosa Magdalena: Deves ter comprehendido quanto eu te amo, tanto talvez como os anjos do céu a Deus... Não durmo sem que não sonhe contigo, nem acordado deixo de ter-te no pensamento! (*In-*

terrompendo a leitura). Bonito! Bonito! Isto seria simplesmente para indignar, se a colera não se desarmasse pelo grotesco da situação. Vejamos porém o final! (*Continuando a leitura*). «Se queres viver commigo cercada de luxo e de todos os prazeres, eu te posso proporcionar tudo isto. Uma palavra tua arrancar-te-á da miseria em que vives para tornares-te invejada pela tua posição e formosura. Sabes, eu sou rico e posso cumprir o que ahí fica, o que te asseguro sob juramento». (*Rasga a carta*). Infames! Sempre elles no meu caminho. O outro deshonrou-me para que eu matasse a fome de minha mãe moribunda; este pensa que póde comprar a minha pobreza honrada. Mas, meu Deus! eu não tenho razão de queixa da vossa justiça. Adalberto, não será bem uma compensação para todas as injustiças com que os homens me têm ferido, elle que perdoou a minha falta com toda generosidade do seu coração?

SCENA VIII

Magdalena e Chrispim

CHRISPIM — Mas o que tem? Vamos ao café, menina Magdalena? Parece tão perturbada? Esteve aqui alguém?

MAGDALENA — Não foi nada... Insignificancias... Aquí esteve o negociante Silveira, aqui veio trazer aquellas fazendas para costurar.

CHRISPIM — Ah! esteve aqui o Sr. Silveira?

MAGDALENA — Esteve. E a proposito: é preciso devolver-lhe essas fazendas. Em nome de nossa

honra, não devemos mais manter nenhuma especie de negocio com esse homem.

CHRISPIM — Como? elle desrespeitou-lhe, menina? Diga-me logo! Velho e doente como sou, ainda me sinto com força sufficiente para repellir os atrevidos que offenderem-n'a.

MAGDALENA — Não! Contenha-se, meu amigo. Basta, por ora, que saibas que aquelle homem é indigno de nossa estima. Agora, acompanha-me para o lado da boa tia. Sinto-me perturbada e preciso encarecidamente das consolações de ambos.

CHRISPIM — Vamos, minha menina; e que Deus queira sempre dar-nos a mesma resignação para arrostarmos com as nossas grandes decepções. (*Saem*).

SCENA IX

Adalberto (*Só*).

Como eu tenho coragem de transpôr os humbraes destas portas honradas, não sei explicar, senão por um impulso inexprimivel do coração. Será esta a derradeira vez que venho vel-a. As desgraçadas e fataes circumstancias que me rodeiam, como um circulo de ferro, já não me permitem a doce e inegalavel esperança de possuil-a para todo e sempre: ellas partiram a risonha cadeia de flores do nosso amor sonhado. E Magdalena, pobre orphã desamparada, a victima indefeza do egoismo bestial dos homens, vai achar novamente na estrada cheia de espinhos de sua vida amargurada, em lugar do carinho amigo de que necessita, o beijo bestial da deshonra, e a gargalhada

imbecil da libertinagem, atirada na confusão dos sentimentos depravados, pelos Lovelaces dos horreos e pelos D. Juans devassos. Oh! alma nobre, que nasceste para accender aos paramos infinitos de luz, e brilhar nas alturas como as estrellas brilham no firmamento; alma que trazias na propria essencia o germen santissimo da virtude para ennobrecer o lar domestico, e foste esmagada como o passaro ferido na aza, pelo tiro traçoeiro do caçador; alma santa e nobre! que possas resistir impavida e sobranceira a todos os ventavaes da sorte, não te deixando nunca avassalar pelo desengano ao palpar a lama da sociedade como se descesses da superficie limpida do oceano para encontrar no fundo as viscosas salsugens marinhas. Dentro do meu espirito, eu sentirei assim diminuir a sombra infinita do meu remorso por não ter sido, como desejava, o reparador da mais cruel injustiça com que os meus olhos têm deparado. Como é cruel a minha situação neste momento e como Magdalena terá motivos de invocar a maldição do céu sobre a minha cabeça!

SCENA X

Adalberto e Chrispim

CHRISPIM — Senhor Adalberto...

ADALBERTO — Ah! é o Sr. Chrispim?

CHRISPIM — Sim, e peço-lhe desculpas de. contra meus habitos, pedir-lhe permissão para dizer-lhe algumas palavra em confiança.

ADALBERTO — Sei talvez o assumpto de que vai

tratar; o mesmo talvez que me traz aqui, n'este momento, por um principio de lealdade que está nos habitos da minha educação e a que não me posso nem me devo furtar.

CHRISPIM — Pois então falle, Snr. Adalberto.

ADALBERTO — E' de Magdalena que venho tratar...

CHRISPIM — Já o adivinhava: e permitta que lhe rogue, em nome dos seus principios de honra, que, se não pode casar com ella, não concorra para inquietal-a... Coitadinha! tem soffrido tanto n'este mundo...

ADALBERTO — Vejo que sabe de tudo; mas do que não sabe talvez, é do que se refere a sinceridade nos meus sentimentos; o que não conhece é a magua de que me acho possuido por não poder realisar o meu tão ambicionado sonho, casando-me com Magdalena.

CHRISPIM — Acredito, Senhor... Mas que quer? Se Deus assim não o permite para a nossa felicidade...

ADALBERTO — Do que não sabe ainda é que eu vou casar com a filha do Barão de Waldimir, para salvar meu pae, para salvar enfim minha familia da ruina, da inevitavel miseria. Eu me explico: meu pae achava-se a borda de um temeroso abysmo, de uma fallencia vergonhosa. Para que a sua firma continuasse honrada, era preciso a intervenção amistososa do Barão, pois é este quasi o seu exclusivo credor. Pois bem, este, conbecedor da situação melindrosa de meu pae, propoz facilitar-lhe os meios de solver essa difficil situação se eu me casasse com sua filha, que, disse elle, está loucamente apaixonada por mim, e cujas

aspirações deseja satisfazer como pae extremoso. Eu relutei até a ultima hora em acceitar semelhante proposta, que, até certo ponto, seme afigura desairoza para o meu character. Mas que havia de fazer ante a perspectiva de ver o meu pae des-honrado, arrastado ao poste da diffamação, e ante-endo a visão assombrosa da miseria a entrar-nos pela porta a dentro! Não por mim, mas por meus velhos paes... O que faria o senhor?

CHRISPIM — Sim, deve proceder assim... Magdalena perdoar-lhe-á, tambem.

(*Magdalena apparece á direita sem ser notada*).

ADALBERTO — Ah! Senhor! se ainda é possivel que eu experimente uma ventura no momento em que está despedaçada minha felicidade essa ventura só poderia ser o perdão de Magdalena.

SCENA XI

Os mesmos e Magdalena

MAGDALENA — Não, Sr. Adalberto; esse perdão, que de nada vale, nenhuma força do mundo seria capaz de m'ó arrancar do coração. Bastar-lhe-á para a sua felicidade, completar os gosos da riqueza que vai comprar-lhe a honra.

CHRISPIM — (*Para Magdalena*). Não seja cruel... O desespero rouba-lhe a calma.

ADALBERTO — Magdalena, não me dilaceres o coração! não podes avaliar quanto eu soffro neste momento... Eu não me esquecerei do quanto te amo, e longe de ti, procurarei, o quanto me for possivel, amenisar a tua situação.

MAGDALENA — Ah! tambem o senhor deseja

comprar-me! Vendeu-se, e entende que eu devo tambem vender-me ao senhor! Não! não será o preço de sua deshonor que abafará o grito de revolta do meu coração estrangulado! Vender-me, sim! é possivel que de hoje em diante eu me venda a muitos por me vingar de outros tantos. Mas não será o seu dinheiro vil e infame, não será o dinheiro de Judas que valerá o preço do vilipendio de minha consciencia. Saia de minha casa, saia sem voltar os olhos para traz, sem temor nem remorsos de haver plantado aqui uma desgraça. Saiba porem antes, que essa com quem vai casar-se, é tão des-honrada como eu sou; mas o seu dinheiro vale bem a sua honra. Não pense porem que eu vá devorar os dias no desespero impotente e nos desenganos infindos. Eu comprehendo afinal o mundo, e chegou tambem o dia de rebellar-me. Saia, senhor! a sua presença me causa asco! Saia para sempre.

ADALBERTO — Eu obedeco, Magdalena. (*Sae vagarosamente*).

MAGDALENA — (*Cobre a fronte com as mãos, chorando. Chrispim se lhe acerca*).

SCENA XII

Chrispim e Magdalena

MAGDALENA — (*Erguendo-se*). Vê estas lagrimas? São o ultimo arranco de ternura do meu coração envenenado pelo odio. Tenho até hoje resistido com um valor que espanta a mim propria, e o mundo tem sido sempre sardo e cruel, tem insultado a minha miseria, tem cuspidos a todos os

instantes sobre a minha desgraça. Compreendendo! falta-me o dinheiro para remendar os rasgões dessa propria honra dilacerada. Eu vejo agora, que a minha falta, no meio da chaga asquerosa da miseria, é como a nodca de sangue da mão de Lady Machbet, que nem toda a agua do oceano pôde lavar. Pois bem; eu hei de descer como as outras aos abysmos infectos do mundo, com tanto que traga as mãos cheias de ouro para humilhar os que me humilham. Ainda tenho uns restos de belleza para fazer delles o instrumento da minha vingança.

CHRISPIM — Magdalena, minha boa menina! O que pretende fazer! assusta-me realmente com as palavras terriveis que acaba de pronunciar. Não! não ha de fazer nada que nos envergonhe! Diga que tudo isso não passa de uma terrivel allucinação de momento; que não ha de afastar-se, como até hoje, apesar de tudo, da estrada santa do bem.

MAGDALENA — Ah! de que serve o bem sem a recompensa do proprio bem? De que serve a virtude que ninguém acata nem reconhece nem acredita? A virtude de que se zomba porque vive ao desamparo da miseria? No entanto essa gente que se vende todos os dias, esses homens publicos que almoedão o character, essas donzellas que se casão por um dote, essas outras que comprão á peso de ouro a honra que não possuem, toda essa miseria insolente que nos olha por cima dos hombros, todos esses idolos de pés de barro — o mundo reconhece e adora em attitude genuflexa.

CHRISPIM — Mas que quer minha filha? A sociedade tem as suas leis, e injustas embora, devemos-lhe obediencia,

MAGDALENA — Mas só os fracos e os desherdados é que vão para o fundo do abysmo; só esses sentem a todos os instantes o jugo de ferro dos que do alto forjão leis para humilha-los; só esses são os vencidos da grande batalha da vida, e perdem o quinhão de direitos que deverião ser a partilha da humanidade. Só esses, em summa, são atirados ao monturo como o cadaver putrefacto de um animal.

CHRISPIM — Magdalena, minha boa menina, não falle assim. Si Deus quer os soffrimentos, devemos accetal-os como uma provação da vida terrena. Quem sabe? Um dia talvez — não eu que já estou velho e doente — mas a minha menina possa vir a gosar a felicidade a que tem direito. Si hoje soffremos, podemos ter compensações, amanhã...

MAGDALENA — Não, meu pobre amigo! Foi-se com Adalberto a minha derradeira esperanza. Ah! elle arraucou-me do coração a ultima illusão querida como si me arrancasse o proprio coração, n'um arremesso de abutre esfaimado.

CHRISPIM — Mas, esperemos, minha filha, esperemos em Deus.

MAGDALENA — Não tenho mais nada que esperar, meu desgraçado amigo. Quando se começa a descer o abysmo é preciso que se vá até o fundo, com a gargalhada nos labios, ferindo para todos lados, ferindo o mais que for possivel como uma setta envenenada despedida sem piedade para todos os carações. O mundo odeia as suas proprias victimas, recusa-lhe toda a misericordia, com um ponta-pé de asco supremo, porque essas victimas não puderam comprar-lhe a consciencia que tem dois pesos e duas medidas. Pois bem!

que os miseráveis se revoltem, que os desamparados se ergão, cobertos embora de andrajos, para trocar insulto por insulto, infamia por infamia!

CHRISPIM—Magdalena, que dizes? desconheço-te nas tuas palavras! onde aprendeste essas coisas terríveis, essas blasphêmias audazes, que estás ahí a dizer? Ah! considera, minha filha, considera bem em tudo...

MAGDALENA —Onde aprendi? No estudo, na propria sociedade, na observação de cada dia, na consequencia dos factos que me cercão! Ouça, ha presentemente, no mundo, duas forças estupendas, que se encarão attonitas, indecisas e formidaveis: de um lado, estão os grandes, os privilegiados do acaso, que riem e dictão leis; do outro lado, a turba que pede justiça, o anonymato da canalha andrajosa, a confusão dos espoliados, com os braços levantados para o alto, n'uma imprecação que em altos brados, clama pelo ideal irrealizado. Essas duas forças, uma falla em nome do dinheiro, outra em nome da justiça.

CHRISPIM — Magdalena, é preciso que me ouça e não se entregue a esse desespero infructifero.

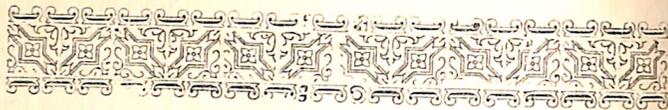
MAGDALENA — Não, meu pobre amigo, a sua Magdalena que viveu até hoje, já não existe em mim. Tem agora em frente uma mulher que nunca mais ha de ajoelhar n'uma prece, que nunca mais erguerá uma palavra para abençoar o mundo. Eu quiz ser virtuosa e boa, era-o por temperamento e não m'o consentiram, não o quizeram. Pois bem, sociedade insensata e vã: assim o quizeste, assim o terás. Sou eu agora quem vai em busca de ti, para desputar a tua cólera, para atirar-te em rosto a minha gargalhada sacrilega, para

pisar-te nos teus preconceitos, para humilhar-te nas tuas vaidades. Tens o teu dinheiro? eu tenho a minha mocidade. Tens o teu preconceito? Eu tenho a tua audacia. Abroquela-te do alto de tua muralha inaccessivel que, do seio da minha miseria, eu me levanto para atirar-te o meu cartel. Eu te desafio!



FIM DO PRIMEIRO ACTO





SEGUNDO ACTO

(Sala ricamente preparada, comquanto com um certo desalinho artistico. Sobre as cadeiras, ao acaso, estão alguns livros, jornaes e manuscriptos).

SCENA I

Alberto Gomes, Tavares e Autran

TAVARES — Cà estamos afinal em casa d'esta formosa Magdalena...

ALBERTO — Ainda não arrependida.

TAVARES — Graças a Deus!

ALBERTO — Ou ao diabo...

TAVARES — Que não é tão feio aliás como o pintam; como Milton o costumava, às vezes, pintar no seu *Paraiso Perdido*.

ALBERTO — Certamente; porque a fallar a verdade, essa Magdalena é uma mulher dos diabos...

TAVARES — Mas que por isso mesmo é muito mais seductora; gosto muito das originalidades. E' uma coisa detestavel a chapa, meus amigos!

ALBERTO — Simplesmente monstruosa...

TAVARES — A Magdalena?

ALBERTO — Não, homem de Deus, a chapa.

TAVARES — E o nosso poeta, que não diz nada? Já vejo que está hoje a conversar com as sombras invisiveis.

ALBERTO — Está muito nephelibata!

TAVARES — (*Para Autran*). Vamos, poeta; levanta essa fronte, onde flammeja o vulcão do genio.

AUTRAN —

« Hoje das musas lavro os invios campos
Que nunca por ninguem foram trilhados ».

E' de Lucrecio.

TAVARES — Bravissimo! Vejo que está hoje inspirado...

ALBERTO — Pena é que esteja triste.

TAVARES — A melancolia e a musa são irmãs.

AUTRAN —

Quando dentro de mim na pvida tristeza,
Brame do meu amor a irrequieta essencia,
Só o teu meigo olhar tão cheio de innocencia
Me arranca ao coração a mystica tristeza!

TAVARES — Bravissimo! o nosso poeta está hoje definitivamente *de veia*. Essa nuvem que se lhe estende na fronte é simplesmente precussora de tempestades... de inspirações...

AUTRAN —

« A tristesa vindo n'alma
Faz verso que gera palma
No fundo do coração ».

ALBERTO — E' de Castro Alves!

AUTRAN —

« Ah! não me estrague a custodia
Que isto é apenas parodia ».

TAVARES — Divino rapaz! Isto irá certamente
agradar immenso a Magdalena, que é uma mulher
de espirito e talento.

AUTRAN — (*Levanta-se*).

« Belleza pura esthetica na essencia
Espirito onde luz a sapiencia ».

ALBERTO — (*Levanta-se*). Mas o caso, meus se-
nhores, é que estamos aqui ha uma boa meia hora
na propria casa de Magdalena, que tem dado volta
ao miolo de muita gente boa, sem que ella até
agora se dignasse de apparecer-nos.

TAVARES — Espera um pouquinho. Naturalmente
está fazendo a *toilette*. Ah! é uma mulher apurada,
de uma subtiliza extraordinaria, de um *chic* a toda
prova. Seria incapaz de recebê-los, pela primeira
vez, sem esse apuro, que é a base fundamental
do gosto feminino.

AUTRAN — (*enleiado*).

« Quanto é bello este momento
D'uma doce indecisão
Em ostentar cada rosto
Vaga indistincta a feição! »

Auctor incognito.

TAVARES — Mas o caso é que tambem o nosso
inseparavel Abelardo, que nós havia promettido

fazer companhia, hoje, até agora não chegou. E'
uma falta realmente imperdoavel!

AUTRAN —

« Arrastando-se embora como um fardo
Fiquem certos que vem este Abelardo! »

Improviso do auctor.

SCENA II

Os mesmos e Abelardo

TAVARES — (*Apontando ao fundo*). Fallem do
mão, preparem-lhe o pão!

ABELARDO — E' verdade; chego em occasião
asada, pois o nosso proprio poeta, decantava-me,
se não me engano, quando eu entrava. Effectiva-
mente tardei um pouco, contra a minha expectativa.

ALBERTO — Estás um selvagem!

TAVARES — Um estúpido!

AUTRAN — (*Apertando-lhe a mão*).

« Ah! jamais pôde a sorte vingativa
Amisade romper de dois soldados! »

Palavras de Ignez de Castro.

ABELARDO — Muito bem, poeta! Vejo que cada
vez mais as flammas d'esse talento o impõem a
admiração geral. Mas, com franqueza, não espe-
rava encontrá-los sem a encantadora Magdalena.

TAVARES — Tel-a-emos já. Não perderás com
a demora!

ABELARDO — Noto que o nosso poeta, apesar de
inspirado, fallou hoje com os alados invisiveis de

Victor Hugo. Tem um quê de abstracção no todo de sua physionomia...

TAVARES — Sonha com Magdalena provavelmente.

AUTRAN —

« Em vão que do prazer na mesma fonte
Nascem e crescem ondas de amargura
Verdadeiros espinhos entre flores ».

E' de Lucrecio.

ABELARDO — Os meus cumprimentos, poeta! Estou a apostar que de todos nós, que vamos ser apresentados, será o filho das musas, que não falla na lingua commum dos mortaes, o preferido d'essa formosa comediante.

TAVARES — De certo, diante d'elle, nada valerão os teus dotes de romancista, a amena prosa de Alberto Gomes e, modestia a parte, minha competencia de critico theatral!

AUTRAN —

« Cesse tudo que a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se levanta! »

Camões.

TAVARES — Não ha como a poesia.

ALBERTO — Que é linguagem dos deuses.

AUTRAN —

Alma da terra,
Alma das flores,
Por toda parte
Desperta amores.

SCENA III

Os mesmos e Magdalena

TAVARES — (*Ao apparecer Magdalena*). Bellissima e encantadora coincidencia! Fallavamos da poesia eahi chega Magdalena.

AUTRAN —

Assim que assomas, diva bemfazeja,
Ri-se o amor...

TAVARES — Espere, poeta. Deixe antes que eu os apresente (*Apresentando um a um a Magdalena*). Aqui está o Abelardo, o nosso romancista. Se deseja romantisar algum episodio de sua vida, já sabe... Este é o nosso poeta João Autran...

AUTRAN —

Deponho a lyra, onde descanto em verso,
Aos pés da artista conscienciosa e nobre,
Da mais pura belleza do universo.

E' do auctor.

MAGDALENA — Muitissimo agradecida.

TAVARES — E' como vê um improvisador emérito. Depois, nada lhe é desconhecido, entre poetas e philosophos celebres. Homero, Eschylo, Horacio, Virgilio, Dante, Lafontaine, Byron — é capaz de citar a cada momento, com uma admiravel precisão. Resta apresentar-lhe somente o nosso Alberto Gomes, um guarda-livros, que é um commpendio de litteratura. Não imagina que fertilissimo espirito... Quanto a mim...

ALBERTO — Todos sabem: é o Tavares, o ad-

mirado critico theatral, e nosso reconhecido chefe espiritual...

TAVARES — Pudera! se sou eu quem paga a cerveja...

MAGDALENA — Muito bem, meus senhores! Eu devo declarar-lhes que me sinto realmente desvanecida em ter que receber em minha casa tão selectos espiritos. Em convivencia tão amavel e tão altamente intellectual, muito hei de tirar de certo para o proveito do meu tirocinio artistico. Adoro a companhia dos homens de intelligencia, unicos realmente que merecem todas as minhas sympathias, illimitada consideração e incondicional amizade.

TAVARES — Grande coisa é a intelligencia! Grande coisa mesmo n'um seculo altamente industrial, n'um seculo em que o capital pretende asphyxiar todas as forças. Que diga o nosso poeta, na linguagem eleita dos deuses...

AUTRAN —

« Da natureza assentas-te no throno.

Sem ti nada recebe a luz dos astros

Nada tem perfeição, nada de estima ».

Poema de Lucrecio: *Natureza das coisas*.

ALBERTO — Sim! é uma grande coisa a intelligencia, meus caros; a intelligencia que produzio a *Graziela* e a *Dama das Camélias*.

TAVARES — O que pensa sobre esses livros, minha cara Magdalena?

MAGDALENA — Comquanto desautorizada, a minha opinião, (os *circumstantes fazem signaes de protesto*) sempre direi que a *Graziela* é apenas um livro para adormecer creanças; bonito e phantastico, mais nada. O outro não; é mais humano.

mais real, mais do mundo, mais de accordo com as dolorosas verdades da vida. O que é pena é que o drama acabe em tragedia: eu preferia que essa Margarida Gauthier, atravessasse a vida, amaldiçoando sempre o mundo. De que lhe servia perdoar? O mundo por acaso perdoar-lhe-ia nunca?! O mundo jamais perdôa a quem transgride as suas leis despoticas, ainda que essas leis repugnem à razão e à consciencia.

TAVARES — Mas, permitta, formosa Magdalena, que observe que o auctor da *Dama das Camélias* necessitava d'esse modo provar o erro da sociedade, sem conceder regeneração possivel para a protagonista do romance, quando esta era ainda susceptivel d'essa regeneração, uma vez que era susceptivel de amar. O amor é o primeiro degrão para a miseria ou para a purificação.

MAGDALENA — Compreendo e justifico o alcance da these. O que lhe digo, é que eu, n'aquelle caso, não mais dobraria os joelhos na terra para bemdizer e abençoar. Para que?

TAVARES — Mas, no meio de todas as injustiças, algum coração haveria, como houve em Armando Durval, que levantasse o seu grito em favor d'aquella alma desgraçada: isso seria uma compensação. Vendidos embora a outrem, os beijos de Margarida, profanado aquelle corpo, para elle as suas caricias guardaram toda a pureza de uma alma, que o mundo não profanou, todo o perfume ideal de uma flôr, que guardou no seio niveo o mel perfumado, que as abelhas não conseguiram roubar.

MAGDALENA — Mas que importa, se o mundo atirou entre elles, o precauço para separal-os?

Que importa se ninguém acreditou na sinceridade de Margarida? Não, nada de contemporizações!... Se aos desgraçados não resta senão esse supremo recurso, que ao menos a sua vingança esteja na sua blasphemia eterna.

ABELARDO — Apoiadíssimo!

ALBERTO — Abaixo o preconceito estulto!

ABELARDO — A justiça sobre todas as coisas!

AUTRAN —

Seja a verdade o nosso palinuro,

Seja a justiça o leme do futuro.

E' do auctor.

MAGDALENA — Como vê, meu caro Tavares, ficou isolado com a sua opinião.

TAVARES — Pudera! pudera! Se ninguém ha que lhe resista aos encantos...

MAGDALENA — (*Levanta-se*). Muito bem, meus senhores; agora que acabamos de dar vasão a mania litteraria, convido-os a passarem a sala immediata, onde os aguardam pequenas surpresas. que se relacionam com o estomago. Estão em casa de uma artista, o que quer dizer, que não admitto ceremonias. Queiram entrar e eu irei ter com os senhores d'aqui a momentos.

TAVARES — Vamos, então...

ALBERTO — (*Para os rapazes*). E' encantadora, essa Magdalena!

TAVARES — Vamos, senhores.

AUTRAN — (*Saindo*).

Ai! Se eu te visse, Magdalena pura

Sobre o velludo reclinada a meio,

Olhos cerrados na volupia doce...

(*Saem*).

SCENA IV

Magdalena (*Só*).

E assim se escôam os meus dias, n'esta febril agitação, que não me dá tempo a que o espirito melite um instante... Tenho-me vingado? Não sei bem! Sei que tenho substituído toda a ternura do coração por um odio terrível e inexgotavel. Consola-me a lembrança dos adoradores que deixo ajoelhar diante de mim, para depois atirar-lhes com o meu desdem sem termos, com o meu nojo infinito. Ah! o odio! que coisa santa é o odio! Cdio! só a ti, o dinheiro não compra, só tu és a unica biblia que os labios ardentes de febre dos desgraçados podem soletrar e comprehender. No entanto, que incomprehensivel coisa é o coração humano! Ainda não me sinto vingada! O meu odio sem termos tem o infinito como limite de sua vingança!

SCENA V

Magdalena e Autran

AUTRAN — (*entrando*).

Apresentando o meu salamaleque... (*Pausa*).

(*Aperte*). Faltou-me agora a rima...

MAGDALENA — Póde dizer mesmo em prosa, divino filho das musas.

AUTRAN —

E' que a prosa, senhora, que me escusas

E' uma forma indigna das musas...

MAGDALENA — Mas em vista das dificuldades da rima...

AUTRAN —

Apresentando o meu salamaleque...

(Passeia um instante meditando).

MAGDALENA — Leque, não rima?

AUTRAN —

Embora a rima me sobre,
Cá não quero rima pobre!

(Passeia novamente e volve a Magdalena).

Apresentando o meu salamaleque
Peço que aceite aqui meu calhambeque.
Pois aqui venho com toda cortezia
Pedir-lhe que nos faça companhia.

E' do auctor.

MAGDALENA — Muito bem! é realmente adoravel o nosso poeta.

AUTRAN — *(Saindo com Magdalena).*

Ai! se eu te visse Magdalena pura
Sobre o velludo reclinada a meio...

(Saem).

SCENA VI

Abelardo *(Só)*.

(Entra vagaroso e pensativo). Não sei porque essa mulher me preocupa tão extraordinariamente. Talvez esse romance que ella encerra em sua vida e que me foi revelado pelo meu amigo

Adalberto, chegado hontem do Pará. Realmente, é espantoso. E o interesse que ella me inspirou, ao vel-a pela primeira vez no palco, desempenhando a Mercedes do Conde de Monte Christo... No entanto não é por mim que venho aqui... Venho por Adalberto, o meu desgraçado amigo, a quem toda riqueza que o cerca, não é capaz de proporcionar uma hora, um instante só de felicidade.

SCENA VII

Abelardo e Magdalena

MAGDALENA — Estava aqui, meu caro Sr. Abelardo? Notei a sua ausencia e vim procural-o...

ABELARDO — Muito agradecido a essa prova de consideração! Permittir-me-á todavia que aproveite a oportunidade para fazer-lhe uma pequena confidencia.

MAGDALENA — Bonito! Com os ares com que me diz isto, vou apostar que tem alguma declaração amorosa a fazer-me. Mas olhe que o momento não é proprio; se o nosso poeta nos surprehende no meio do idyllio, é bem provavel que apanhemos alguma satyra.

ABELARDO — Não brinque, minha formosa Magdalena, não brinque com as coisas do coração...

MAGDALENA — Esplendido! No caminho em que vai, tel-o-ei já, aos pés, de joelhos, na attitude mais dramatica.

ABELARDO — Não é isto, Magdalena. Ha de permittir que a trate assim...

MAGDALENA — Que duvida! Nós somos todos rapazes... Continúe.

ABELARDO — Sabe que me interessa muito profundamente?

MAGDALENA — Não duvido! Muitos dizem-me isso mesmo. . .

ABELARDO — Mas certamente não o dizem com a minha sinceridade. Antes de tudo creia que não venho a sua casa com a mesma intenção dos petulantes que a cercam.

MAGDALENA — E' que dizem muito mal de mim, não é? Eu sei, e previno-lhe que tudo isso é verdade. Conheço que sou má. . .

ABELARDO — Muito menos talvez do que quer parecer. Pensa que acredito na sinceridade obsoleta de sua opinião sobre a *Dama das Camélias*?

MAGDALENA — E porque não, meu amigo? Plantadas no espirito as grandes desillusões da vida, resta a nós outras um derradeiro pólo para onde se voltão as nossas vistas desenganadas, como o naufrago, que entre as duas immensidades do mar e do ceu, se apegua a primeira taboa fragil que lhe fica ao alcance da mão: para uns, é a febre de dominar pelo dinheiro, e para outros, como no meu caso, é a loucura de insultar essa sociedade, essa mesma a cujo contacto sossobram as suas generosidades innatas do coração.

ABELARDO — Mas, minha cara, não ha um ideal a conseguir n'essa maneira de pensar. Destruir sómente o que está estabelecido, supprimir o que ha de defeituoso, bater os preconceitos sociais, só pode ser um ideal para quem pretende edificar alguma coisa sobre esses destroços.

MAGDALENA — Não lhe nego razão: verdadeira e sensatamente reconheço-a. Nada d'isso é um ideal. Sel-o-á, porém, mais tarde. Eu não sou uma

prova disto? Eu perdi tudo, deixei todos os meus sonhos amortalhados pelo caminho da vida, trago o coração alanceado de supremos desenganos, ouvi os funeraes das minhas crenças, uma a uma, destruidas em cada estancia da dôr, reneguei o ceu, e odeio o mundo e os homens, e para que vivo senão para affrontar essa sociedade com o espectáculo do meu miseravel orgulho?

ABELARDO — Ouça, Magdalena; si alguém quisesse arrancar-a d'esta vida em que devora os dias, n'um lento suicidio; si esse alguém quizesse proporcionar-lhe uma vida ao abrigo de todas as necessidades, não accitaria?

MAGDALENA — Está claro que recusava com um pontapé de desprezo. Vê? sou ainda uma mulher que não precisa da esmola do mundo e que não precisará nunca, porque antes que a velhice venha colhel-a, saberá furtar-se a compaixão dos homens, fartando-se ao tormento de viver. Mas quem poderia ser esse homem?

ABELARDO — Deseja saber, apezar da recusa?

MAGDALENA — De todo coração. . .

ABELARDO — Para insultal-o naturalmente?!

MAGDALENA — (*A parte*). Será elle, afinal?!

(*Alto*). Diga: desejo saber.

ABELARDO — Promette não praticar leviandades?

MAGDALENA — Prometto: diga. . .

ABELARDO — Bem; tenho a sua palavra! Esse homem é o que tanto amou-a e que apezar de tudo continúa a amal-a. Que depois de cinco annos de separação, procura encontral-a, para reparar uma falta, que, em consciencia, elle reconhece ter commetido: é Adalberto de quem deve lembrar-se.

MAGDALENA — Elle! e elle está aqui?

ABELARDO — Sim, está...

MAGDALENA — Elle!... o vendido!

ABELARDO — Mas não falle assim, Magdalena!

MAGDALENA — (*A parte*). Que idéa! Hei de executal-a! (*Alto*). Não! eu pronunciei uma insensatez. Não devia tê-lo feito! Eu já perdoei a Adalberto... Diga-lhe que desejo vê-lo... hoje... sim?

ABELARDO — Aceita então agora?

MAGDALENA — Não lhe prometto nada. Peço-lhe porém que m'o traga, já que é amigo delle. Vá; eu vou ter com os rapazes que já devem ter notado a minha ausencia. (*Sae Magdalena*).

SCENA VIII

Abelardo (*Só*)

Extraordinaria mulher! Sphinge de dôr e de odio! Mixto de amor e desespero! Não é a sua alma que falla: é o grito revoltado da alma collectiva que odeia, porque a sociedade lhe rouba os direitos. (*Pausa*). E sinto zelos cobardes por meu amigo Adalberto! No emtanto é por elle que aqui venho... Não! é preciso que eu cale o estranho rumor que me sobe do coração. Transmitir-lhe-ei, pois, o desejo de Magdalena em despenho á minha missão (*Mudando de tom*). Mas que inexplicaveis sentimentos eu experimento diante da alma rebellada d'essa mulher! (*Sae*).

SCENA IX

Autran, Alberto, Tavares e depois Magdalena

AUTRAN —

Tão ligeiro como um dardo

Poz-se na rua o Abelardo.

TAVARES — E' verdade, já não está.

ALBERTO — Provavelmente o vinho foi-lhe á cabeça...

TAVARES — E' um traste!

ALBERTO — Não aguenta o nosso repuxo!

MAGDALENA — (*Entrando*). São injustos, meus senhores, o Abelardo sahio simplesmente incomodado de uma enxaqueca. Despedio-se de mim e pedio-me que lhes dissesse isto de sua parte.

TAVARES —

Para as nossas grandes troças

E' um traste esse Abelardo.

(*Para Autran*). Glose isso, poeta...

AUTRAN — (*Depois de meditar um instante*).

Quem não teme a vida e a morte

Quem ao mundo faça móssas

Só serve gente bem forte

Para as nossas grandes troças.

Quem não tiver muito geito

Não é cá do nosso peito

Pois se torna inutil fardo;

Assim no meio do enredo

Eu declaro sem ter medo

Que é um traste esse Abelardo!

E' do auctor, meus senhores.

TAVARES — Muito bem, poeta!

ALBERTO — Esplendido!

TAVARES — Magnifico!

MAGDALENA — Cumprimento-o sinceramente, illustre filho das musas

TAVARES — (*Consultando o relógio*) E' tarde, vamo-nos.

AUTRAN — (*Vai a porta do fundo e fallá para fóra*).

Dorme cidade maldita
Teu somno de escravidão.

ALBERTO — Olá, poeta, vamos! (*Cumprimen-
tam Magdalena successivamente*).

TAVARES — As minhas admirações! Conte com a minha bonita critica theatral. (*Sobe*).

ALBERTO — Sou simples guarda-livros, como sabe: mas como me dou às lettras nas horas vagas, faço opinião nos cafés e nas redacções dos jornaes. Conte abertamente commigo!

AUTRAN —

Disponha sem mais escusas,
Do humilde filho das musas.

E' do auctor.

MAGDALENA — Passem muitissimo bem, e não esqueçam que terei sempre o mais justificado prazer e orgulho em recebê-los.

AUTRAN — (*Sahindo*).

Ah! se eu te visse Magdalena pura...
(*Saem todos*).

SCENA X

Magdalena (*Sò*).

Adalberto virá effectivamente? Mas é bem extraordinaria essa aventura! Dir-se-ia que é um sonho! O que lhe parecerá a minha physionomia?! (*Vai ao espelho e verifica*). Não tem uma ruga, não tem um desalento! Os olhos não perderam o brilho, seja embora o brilho da febre, que me devora, que me encarcera a alma n'uma cadeia de fogo! Que elle venha! e que a minha vontade não fraqueje um instante! Ah! abandonou-me! roubou-me tudo, tudo (*Com sentimento*) para sempre, para todo sempre!... (*Esconde o rosto entre as mãos*).

SCENA XI

Magdalena e Adalberto

ADALBERTO — (*Da porta do fundo*). Eil-a, a minha querida Magdalena de outr'ora. E dir-se-ia que chora! Quem me dera que assim fosse, porque as lagrimas são o prenuncio do arrependimento! (*Approximando-se tímido*). Magdalena?

MAGDALENA — (*Erguendo-se e recuando com um movimento altivo*). Ah!

ADALBERTO — Não me reconheces Magdalena?

MAGDALENA — Effectivamente não sei a quem tenho a honra de dirigir a palavra. Explique-se e queira dizer o motivo que o trouxe a penetrar tão inopinadamente em minha casa.

ADALBERTO — Magdalena, porque és cruel, por-

que estás a fingir?... Pois não reconheces o teu Adalberto de outro tempo, a quem tanto amaste e por quem tanto foste amada?

MAGDALENA — Ah! lembro-me agora vagamente desse nome. Lembro-me que houve um infame que assim se chamava, que promettendo-me uma reparação, a que a virtude e o amor ao trabalho fizeram jus, vendeu-se depois ao ouro de uma mulher deshonrada, e mais deshonrada do que eu: porque essa mulher cahira por instincto de depravação e libertinagem. Lembro-me effectivamente, senhor, e se não o reconheci logo à primeira vista, é porque são muitos os vendidos e infames que eu tenho encontrado para que possa conhecel-os todos. E' preciso um extraordinario esforço de memoria, e depois, não sei porque, é igual a physionomia de todos os traidores...

ADALBERTO — Magdalena! Magdalena!

MAGDALENA — Dos traidores, sim, que possuem esse mesmo olhar sem brilho nem fixidez, esse mesmo rosto macilento e immovel, procurando occultar sob o mel caricioso das palavras, as espantosas sombras d'alma, os estupendos abysmos do coração.

ADALBERTO — Magdalena, que crueldade em todas as tuas palavras! Como cinco annos que eu contei, minuto a minuto, no fundo trevoso do coração; cinco annos arrastados na lentidão dos dias sem auroras e das noites sem crepusculos; cinco annos no desespero de um amor para sempre perdido — não pederam abrandar as revoltas de tua colera e do teu odio.

MAGDALENA — Ah! como o mundo raciocina e como é egoista em seus raciocinios! O senhor

admira-se de que cinco annos não fossem sufficientes para apagar as chammas do meu odio; e não se recorda que outros tantos passei eu arrastando a miseria e perseverando no trabalho, sem que o mundo me levasse isso em conta! E classifica de insensato o meu odio!?

ADALBERTO — Magdalena, eu sei que tens razão! Porém ja não é bastante a vingança que me tomaste com o teu desprezo? Ouve, eu não te apparecerei nunca mais, não me tornarei importuno com a minha presença; mas tu accetarás o offerecimento que te mandei fazer pelo meu amigo Abelardo, para que te retires d'essa vida em que consumes os dias.

MAGDALENA — Não! não acceito nada! O dinheiro com que compraram-lhe a honra, não comprará o meu odio. Ah! seria o triumpho completo do mundo. (*Sorrindo com sarcasmo*). Seria um bello fim, de romance sentimental! Não! a sociedade não tripudiará mais sobre mim. E se fosse possível prolongar a existencia n'uma vida de dissipações como esta, eu recorreria ao suicidio para furtar-me á velhice. Não darei ao mundo, a ventura de zombar das rugas do meu rosto e da minha velhice deshonrada!

ADALBERTO — Pois si é assim, Magdalena, porque consentiste receber-me? E porque choravas na occasião em que eu te surprehendi n'este lugar!

MAGDALENA — Chorar, eu! O senhor mente! eu não chorei, eu não choro nunca! Choram os arrependidos, e eu não me arrependo, não me arrependerei nunca! E sabe porque consenti recebê-lo? Foi para que ainda uma vez o fulminasse sob o peso do meu desdem e do meu nojo; para que presen-

ciasse o espectáculo de minha felicidade insolente; para que visse como por minha vez eu tomo uma desforra da sociedade e zombo de suas leis. A esta hora existem decerto almas virtuosas que se esforcem na miseria ao mesmo tempo que a minha rebeldia audaciosa, n'um formidavel contraste, se reflecte na limpidez dos crystaes. Diz que eu choro, o senhor, como si o vicio tivesse lagrimas! Veja se no meu rosto ha uma sombra de tristeza, se na minha frente ha uma ruga de remorso, se nos meus olhos ha nevoa longinqua de desgosto e saudade. Veja!

ADALBERTO — E' espantoso tudo que me dizes Magdalena! E' incrivel que aquella que outr'ora conheci tão pura, tão santa, tão abnegada e tão grande, seja capaz de semelhantes atrocidades.

MAGDALENA — Assusta-se? Pois é a obra do mundo. Não é o meu temperamento que age em mim! E' a revolta da minh'alma. Não é a consciencia que me guia os passos; é o mundo que os impelle, esse mesmo mundo que me cobre de anathemas. E todo esse luxo que o proprio mundo me dá, na inconsciencia de sua bestialidade, e todo o dinheiro que me vem às mãos, são armas conquistadas ao meu inimigo para depois humilhal-o.

ADALBERTO — Magdalena, uma ultima palavra. (*Tenia aproximar-se e Magdalena recua*).

MAGDALENA — Não! nem um momento de transigencia! O dinheiro governa o preconceito, como o preconceito governa o mundo. Para que eu seja um protesto vivo é preciso pisar a pés essa corrente monstruosa, que me enlaçou e me venceu, porém não me abateu o espirito. Outros virão depois de

mim para completar essa obra de destruição. E veja que contraste entre nós dous!—O senhor, o homem a coberto de preconceitos, e eu exposta a todos os vilipendios: é o senhor o humilhado, é o senhor que curva a cabeça! Agora, adeus! Não quero por mais tempo abusar de uma humilhação tão profunda. Fique, porém, bem certo que, ainda uma vez e pela ultima vez, as tentações do seu dinheiro não me venceram! Adeus! (*Sae vagorosamente*).

SCENA XII

Adalberto (*Só*).

Comprehando-te e perdô-te apesar de tudo! O espirito que dá em terra é como o corpo precipitado das infinitas alturas; si ha um abysmo entre elles, um e outro se despenharão até o fundo d'esse abysmo.



FIM DO SEGUNDO ACTO





TERCEIRO ACTO

EM DOIS QUADROS

(A mesma decoração do segundo acto)

SCENA I

Abelardo (Só).

Realmente, é extraordinario tudo isso que se tem passado em meu espirito n'estes ultimos dias. Reconheço que ha dentro em mim uma força invencivel, que me arrasta para Magdalena, uma força contra a qual é impotente toda a energia de minha vontade e são nulos todos os raciocinios de minha intelligencia. Pobre Magdalena! como eu tenho piedade de teu abandono, n'esse proprio fausto em que vives, cercada de falsos adoradores! que desejo eu sinto subir-me do coração, n'uma onda embriagadora; desejo de apertar contra o meu peito a tua fronte escaldada de febre, fronte em que os beijos não conseguiram deixar a ignominia do mundo! E morres aos poucos, n'um lento suicidio, lento e espantoso, na incomprehendida revolta de teu coração! Ah! eu chego quasi a amar-te; eu quizera que acceitasses o meu amor

para que um derradeiro sonho se desenhasse na visão intangivel do teu ultimo instante!

SCENA II

Abelardo e Magdalena

MAGDALENA — Ah! estava aqui, meu amigo? Porque fez ceremonias?

ABELARDO — Não é que fizesse ceremonias. Em sua casa já me habituei a ser intimo. E' que cheguei ha momentos e descansava um instante. Demais, eu estou hoje triste, sem o querer. . .

MAGDALENA — Pois fez bem em vir hoje. (*Senta-se*). Temos uma esplendida ceia, e mandei dizer ao Tavares, que não esquecesse nenhum dos nossos *habitue's*, especialmente o meu amigo, a quem não pude pessoalmente participar esse meu desejo.

ABELARDO — O Tavares mandou-me prevenir e cá estou, justamente a hora marcada. Mas não sei o que sinto hoje! Tenho desejos insensatos, desejos de cousas irrealisaveis! Vê o meu coração? (*Pega a mão de Magdalena e pousa-a sobre o peito*).

MAGDALENA — Bate com violencia! (*sorrindo*) alguma paixão por ahí, algum trecho de romance complicado, sem epilogo talvez. . .

ABELARDO — Para que sorri, Magdalena? Para que sorri?

MAGDALENA — Olhe, eu tambem tenho febre. (*Dá-lhe o pulso*). Mas esta é mais real, não é assim? E veja; não me rouba a calma nem a placidez necessaria. Como é bom sentir a vida esvaír-se assim lentamente, n'um ditoso sonho, com o coração e o cerebro embriagados!

ABELARDO — Não diga tudo isso... Assusta-me...

MAGDALENA — Mas é preciso ser logico, não é assim? Entre a morte estúpida e esse doce adormecimento vaporoso e leve, é bem preferivel o ultimo. A morte é uma cousa fatal: poder escolher-a a nosso modo, é uma delicadeza de espirito e prova de bom gosto. Ah! morrer velha e abandonada, despida do ultimo sonho, que cousa realmente horrivel!

ABELARDO — Não diga mais nada! Não ouvir-lhe-ei mais uma palavra sobre o assumpto. Está de um máo gosto insupportavel hoje. Positivamente isso não é receita para tristes.

MAGDALENA — Não quero desgostal-o. Concedo já que está hoje com os nervos abalados. Mudemos de assumpto. A proposito: ha dias, ouvi-lhe uma opinião curiosa de que eu me recordo agora por havermos fallado ha pouco em amor. Tratava-se, si não me engano, de saber se haveria possibilidade de que alguém podesse amar uma mulher em cujos labios se houvesse perdido o ultimo resaiço de virgindade. Como no meu caso, si lhe apraz uma comparação...

ABELARDO — Não sei com que intuito insiste em lembrar-me essa opinião que a minha amiga bateu valorosamente e talvez sem razão. O que lhe asseguro é que, quando duas creaturas se unem para a fuzão suprema do amor, ficariam rotos os laços que as prendessem, após o instincto satisfeito, si esses laços não fossem tecidos por essa tenuissima cadeia espirital, tão delicada e tão forte, resistindo ao tempo e á distancia.

MAGDALENA — Si eu não fosse suspeita, dir-lhe-ia que a sua doutrina ficaria melhor em meus labios.

Eu vivo para destruir. O senhor tem, porém, outra missão; é natural que a tenha: a missão de construir alguma cousa.

ABELARDO — Mas...

MAGDALENA — Não lhe quero tirar das suas illusões; aconselho-o, porem, a não fazer uso d'essas idéias, cuja pratica lhe havia de proporcionar talvez bem amargas decepções. Que quer? A lei é esta: obedecer-lhe é o segredo do caminho da felicidade pratica. Não faça como eu; adore os idolos, como os selvagens adoram o sol e a lua. (*Sorrindo*). É agora que preguei de graça este sermão não encommendado, deixo-o um instante. Receba em meu nome os nossos amigos.

SCENA III

Abelardo (*Só*).

Que alma grandiosa que a sociedade perverteu e revoltou! Extraordinaria mulher, que apesar de tudo revela que tem uma alma nobre e bem acima da comprehensão vulgar do mundo! Presente que eu seu capaz de apaixonar-me seriamente por ella e quer evitar-me um sentimento que mereceria a reprovação social. Ah! Sociedade hypocrita! Como és cega para os teus proprios defeitos! Ella morre e tu que a arrastaste ao crime e que lhe adoras a belleza, tu deixarás que ella morra sem lhe comprehenderes a revolta e o odio! Como o meu coração se rebella diante das tuas iniquidades!

SCENA IV

Abelardo, Tavares, Decio e o Conselheiro Souza

TAVARES — (*Na porta do fundo*). Póde entrar, Sr. Conselheiro, póde entrar...

DECIO — Isto por cá, conselheiro, provavelmente não é como outr'ora no paço imperial. Estamos em casa de uma artista...

CONSELHEIRO — Eu sei, meus charos, eu sei... Não imaginam! Estou contentissimo!

TAVARES — Já está por aqui o nosso Abelardo.

ABELARDO — Perfeitamente, meus amigos, a nossa Magdalena pediu-me para recebê-los em seu nome. E que prazer que nós trouxessem o Sr. Conselheiro, o eterno adorador das mulheres formosas... A Magdalena vai ficar encantada com o Sr. Conselheiro...

CONSELHEIRO — Muito obrigado, Sr. Abelardo, mas realmente já não tenho os encantos de sua mocidade para impôr-me. N'outros tempos, sim...

DECIO — Ora deixe-se de modestias, Conselheiro. Quem foi rei sempre será magestade. Depois tem taes maneiras para as mulheres formosas que não ha francamente quem o resista. Nós sabemos de tudo, Conselheiro...

CONSELHEIRO — Bisbilhotices, meu amigo... E' verdade que até hoje a minha fronte só se tem curvado à soberania feminina e à soberania do nosso extinto regimen politico, que uns ingratos arrastaram no sorvedouro das suas paixões...

DECIO — Permitta que eu proteste, Sr. Conselheiro. A Republica...

TAVARES — (*Puxando-o à parte*). Deixa o Conselheiro... São caturrices de velho.

CONSELHEIRO — Republica! ih! nem me fallem n'isso, pelo amor de Deus! Vejam este cambio, meus senhores, este cambio...

TAVARES — Effectivamente não fallemos n'isto. Fazer politica n'este momento, é evidentemente de mão gosto.

ABELARDO — Realmente tens razão! Depois com um homem versado como o Conselheiro, em lettras e artes, nunca falta assumpto para conversação de bom gosto.

CONSELHEIRO — Pois concedo! mas que querem? Não me toque na minha fibra. Ah! é muito sensível, mesmo muito sensível. Posso lá olhar com indifferença para esse descalabro...

DECIO — Mas, conselheiro...

TAVARES — (*Para Decio, puxando-o à parte*). Deixa, homem! deixa-o com a mania...

ABELARDO — Ouça, conselheiro, e fallemos de cousas que nos interessam realmente. Ainda não teve occasião de ser apresentado à nossa formosa Magdalena?

CONSELHEIRO — Ai, não! e com que pezar, imagine! Eu que adoro a belleza, eu que adoro o talento! Faz ideia do meu prazer agora? O nosso Tavares é um grande amigo e a elle exclusivamente devo a satisfação que vou experimentar. Oh! Estou contentissimo!

TAVARES — Fiz o meu dever, Sr. conselheiro. Eu não sou egoista e quero ter mesmo o orgulho de proporcionar occasião em que Magdalena fique conhecendo um dos nossos conterraneos, que mais nos honram pelo seu talento e illustração. Será mais uma boa impressão que ha de levar de nós quando d'aqui se fôr.

CONSELHEIRO — Muito agradecido, meu caro Sr. Tavares. Mas avaliam a minha satisfação, hein? Não me envergonho de dizer-lhes: todas as vezes que volto do theatro, quando Magdalena toma parte nas peças, chego a sonhar com ella vestida como nos papeis que representa.

ABELARDO — Naturalmente no sonho, o Sr. conselheiro vê-se transfigurado em galã do drama.

CONSELHEIRO — Muito obrigado pela ironia, meu caro Sr. Abelardo, já estou bem velho infelizmente para servir de galã. Ai! Ai! n'outros tempos... n'outros tempos...

ABELARDO — Não ha de ser tanto assim. O Sr. conselheiro é considerado em toda a parte como um eterno Roméo...

CONSELHEIRO — Porém um Roméo que já não tem Julietas, meu amigo. Não importa! eu adoro-as todas! Para que o coração ame, não precisa que o amem, não é assim? (*Continuam os dois em attitude de conversa, silenciosamente*).

TAVARES — O que é notável é a ausencia do nosso poeta. Já deveria estar aqui.

SCENA V

Os mesmos e Autran

AUTRAN — (*Da porta do fundo*).

Cheguei um pouco atrasado,
Mas enfim eis-me chegado.

(*Approximando-se*).

Na mais correcta e ufana cortezia,
D'aquí saúdo a toda a companhia.

E' do auctor, meus senhores.

(*Exclamações geraes*). Viva o poeta!

TAVARES — (*Apresentando o poeta ao Conselheiro*). Creio que já conhece, Sr. Conselheiro, o nosso popularissimo poeta Autran.

CONSELHEIRO — De nome, effectivamente. Eu gosto dos poetas, menos dos nephelibatas. Os lyricos são os meus predilectos. Adoro os versos, que nos fallam ao coração... A poesia e a mulher, que sublime dualidade!

TAVARES — Diga alguma cousa, poeta.

AUTRAN —

N'um versinho cortez e bem lampeiro
Eu cumprimento o nosso Conselheiro.

(*Volvendo para o grupo dos outros rapazes*).

Mas com franqueza aqui noto com pena
Que não se encontra a nossa Magdalena.

TAVARES — Não ha de tardar; incumbio o Abelardo de receber-nos em seu nome. Está naturalmente em pessoa dirigindo o serviço da ceia para a qual nos convidou.

AUTRAN —

Para termos um tal contentamento
Val bem á pena, a espera de um momento.

CONSELHEIRO — De certo! De certo! especialmente ao que me toca! Não imaginam o meu entusiasmo... embora eu seja um Cupido sem setta.

SCENA VI

Os mesmos e Magdalena

TAVARES — (*Apontando para a porta do fundo*). Eis ahí a nossa Magdalena, o nosso astro de primeira grandeza.

DECIO — Em torno do qual, somos miseros satellites.

CONSELHEIRO — (*Para Decio*). Imagine a minha emoção, meu caro.

DECIO — (*A parte*). Quanto mais se tivesse setta..

MAGDALENA — (*Que vem cumprimentando um a um*). Muito lhes agradeço a pontualidade. Desculpar-me-ão de não ter vindo recebê-los em pessoa. O nosso Abelardo creio que gentilmente fez as minhas vezes.

AUTRAN — (*A Magdalena*).

Faço minha saudação
Na mais completa emoção.

(*Para o grupo dos rapazes*).

Pois p'ra fallar com franqueza
Está mesmo um lindeza.

E' do auctor, meus senhores.

MAGDALENA — Agradeço-lhe muito, meu caro poeta.

TAVARES — (*Apresentando à Magdalena o Conselheiro Souza*). Aqui lhe apresentou o Sr. Conselheiro Souza, um dos grandes admiradores do seu talento artistico.

CONSELHEIRO — E tambem de sua belleza, minha senhora, pela qual me confesso captivo e submisso.

MAGDALENA — Oh, Sr. Conselheiro! muito agradeça pelas palavras que acaba de pronunciar com cavalheiresca benevolencia. Os amigos dos meus amigos, o são igualmente meus, e por mim são recebidos sempre com a mais justa e incondicional satisfação.

CONSELHEIRO — Perfeitamente, minha senhora;

perfeitamente. Não sabe quanto sou feliz n'este momento. Ah! si eu possuisse a eloquencia de Demosthenes e a lyra de Hugo, talvez só assim eu podesse significar o que sinto. Ah! minha senhora! só o amor vivifica e orvalha a vida; só o amor é grande no vastissimo concerto da natureza.

MAGDALENA — Muito bonito. Sr. Conselheiro! Vejo que é um homem altamente espiritual. Queira aceitar os meus parabens... Mas, sentemo-nos, meus senhores.

CONSELHEIRO — Muito espiritual, diz bem, diz muitissimo bem. Não avalia a minha satisfação agora. Tenho sonhado muito com a senhora.

MAGDALENA — Deveras?

CONSELHEIRO — Muitissimo! Pois não... pois não!

MAGDALENA — (*Com subtil ironia*). Conceda-me um instante de licença, conselheiro.

CONSELHEIRO — Muito interessante esta ladra.

MAGDALENA — (*Para Tavares*). Noto a ausencia do nosso Alberto Gomes. Que pena que nos falte a sua figura elegante e espiritual!

TAVARES — Ah! esquecia-me. Elle não pôde vir hoje. Mas em compensação apresento-lhe, substituindo-o o Decio Silveira, um jornalista em disponibilidade.

DECIO — Disponha da minha penna, gloriosa artista!

MAGDALENA — Obrigada! Obrigada! Já sei que é um espirito de *élite* (*Para o grupo dos rapazes*). Desejo saber o que me dizem de novo.

TAVARES — Leu a minha critica de hoje?

MAGDALENA — Ainda não... Já sei que foi li-songeiro.

TAVARES — Justo, se me faz favor. Ouça este final: (*Lê um jornal que tira do bolso*). « Magdalena, que é uma extraordinária organização artística, vibrante e impressi navel, altamente sensível e profundamente delicada, sabe de uma maneira encantadoramente suggestiva tocar toda a gamma do coração humano, desde o sorriso à melancolia, desde a melancolia às lágrimas. Honra, pois, a gloriosa artista cujo talento tanto nos desvanece ». (*Entregando o jornal a Magdalena*). Póde guardar para o seu album de recordações.

MAGDALENA — Muito lhe agradeço a excessiva bondade com que me julga e que não sei realmente como deva recompensar.

TAVARES — Honrando-me sempre com a sua estima.

CONSELHEIRO — (*Para Tavares*). Deixe que o felicite sinceramente. Muito expressivo aquillo. Ah! estou contentissimo, não imagina! (*Para Magdalena*). Deixe também que a felicite, minha senhora. Comquanto seja preciso convir que muito mais merece o seu talento e sobretudo a sua belleza. Ah! não imagina! Estou contentissimo!

DECIO — (*Para Magdalena*). Leu o meu artigo de hoje.

MAGDALENA — Creio que não... passou-me certamente... Os ensaios tomaram-me quasi todo o tempo.

DECIO — E' um artiguete de collaboração, porque, agora, estou em disponibilidade no jornalismo. E' sobre artes. (*Desdobra um jornal que traz no bolso*). Leia o trecho que se refere á sua pessoa. Póde guardar para o seu album.

CONSELHEIRO — (*Para Magdalena*). Deixe que a felicite do novo. Ah! estou contentissimo! Grande cousa é a belleza. Estou encantado! (*Para Autran*). Agora o nosso poeta deve ter composto certamente alguma cousa de sentimento.

AUTRAN — (*Para Magdalena*).

Rosa cheia de doçura
Mulher cujo olhar imploro,
Adoro-te a formosura
E os teus talentos adoro.

CONSELHEIRO — Sim, senhor! Tem seu bocado de lyrismo. Ah! estou de veras contentissimo!

MAGDALENA — Perfeitamente, meus senhores; agora convido-os a irmos tomar a nossa taça de champagne.

TAVARES — Santissimas palavras!

AUTRAN —

Grandissimo duçor
Sublime desalinho!
Embriaguez do amor
Embriaguez do vinho

CONSELHEIRO — (*Para Magdalena, n'uma attitude cavalheiresca*). Faz favor o seu braço, minha senhora? Ai, que momentos felizes! Estou contentissimo! (*Vão sahindo todos*).

AUTRAN — (*Sahindo por ultimo*).

Ai, si eu te visse, Magdalena pura
Sobre o velludo reclinada a meio...

MUTAÇÃO

(A scena representa o interior da casa de Magdalena. Acha-se uma mesa sumptuosamente preparada em torno a qual estão os convivas, presididos por Magdalena. Grande movimento scenico. Toca ao fundo uma orchestra).

SCENA VII

Os mesmos da scena anterior e mais convivas

TAVARES — (*De copo em punho*). Seja o nosso primeiro brinde á musica, que representa na arte a combinação dos sons, e no mundo moral a harmonia de sentir e de pensar. Brindando, pois, á musica, eu brindo, ao mesmo tempo, o amor como aperfeiçoada arte!

TODOS — Muito bem! bravos!

MAGDALENA — Falle agora o poeta.

AUTRAN — (*De copo em punho*).

Os garfos e os varões assignalados
Que ao soberbo prato sobrehumano
Por bifes nunca antes saboreados
Passaram muito além do luzitano,
N'um mastigar sem termos esforçados
Mais do que promettia o empenho humano,
Entre um vinho soberbo edificaram
Uma *chuva* que tanto sublimaram.

E' uma parodia aos *Luziadas*, de Camões.

DECIO — Divinamente bem!

TAVARES — Formidavelmente espirituoso...

CONSELHEIRO — Perfeitamente... perfeita-mente.. Não imaginão! Estou contentissimo!

MAGDALENA — Realmente, vale o que pesa, o nosso poeta.

CONSELHEIRO — (*Para Magdalena*). E tem lá o seu bocado de sentimento, não acha? Tambem entre um bom vinho e uma mulher formosa e de espirito nem é de esperar outra coisa. Não imagina, minha poetica Magdalena, estou contentissimo!

MAGDALENA — Perfeitamente, Conselheiro. Mas, vá este bocado de vinho. D'este pode tomar á vontade. (*Bota-lhe vinho no copo*)

AUTRAN — (*Para Magdalena*).

Peço d'aqui com minha voz bem terna
Que me accenda tambem minha lanterna

(*Estendendo o copo*). E' do auctor, meus senhores.

CONSELHEIRO — Não ha como a belleza, não ha como a belleza para inspirar e bulir-nos com o coração...

DECIO — Está contentissimo, hein, Conselheiro?

CONSELHEIRO — E' o termo... é o termo... para isto só os superlativos. E parodiando aquelle celebre escriptor: se elles não existissem, era preciso invental-os. Oh! a belleza! oh! o amor! oh! a mulher!

AUTRAN —

Amor! amor! que és tu? Se acaso existes,
Se és mais que sombra vã, se és mais que um nome,
Se és mais que fantasia ou mais que um sonho
Dá-me sequer uma hora de ventura
Uma hora, genio de Deus, si podes tanto.

E' de Gonçalves Dias.

CONSELHEIRO — Muito lindo ! bem lembrado... Não imaginão, meus senhores; estou contentíssimo !

DECIO — Mas sempre esse menino (*apontando o poeta*) ha de ser um talento de arromba. Já viram a precisão com que cita e improvisa? Meus senhores, definitivamente temos ao lado o primeiro poeta da actual geração de Pernambuco. Eu os couvido, pois, a bebermos à saude de um talento que apezar de bebedo...

AUTRAN —

Eu deito o meu manifesto
E aqui levanto protesto.

DECIO — Que apezar de bebe lo, repito, é sempre o mesmo talento lucido. Bebamos, pois, à saude do primeiro e mais espontaneo vate d'esta terra.

CONSELHEIRO — MUITÍSSIMO bem lembrado! (*Para Autran*). Ao poeta lyrico e sonhador, ao poeta do amôr e da saudade. (*Para Magdalena*). Mas, não ha nada mesmo como o amôr que enleva os corações, e suavisa as almas. Estou contentíssimo! (*Todos erguem as taças*).

MAGDALENA — Ao illustre vate!

Todos — Hip! hip! hip! hurrah!

AUTRAN —

Assim injustamente engrandecido
Agradeço esse brinde, commovido.

CONSELHEIRO — Muito bem, poeta. Não ha nada como a poesia e o amôr.

(*Estoura o champagne; enchem as taças*).

TAVARES — Formosa Magdalena; em nome de todos esses bebedos aqui presentes...

AUTRAN —

Aqui protesto ligeiro
Em nome do Conselheiro.

CONSELHEIRO — Pudéra! se o amôr é tambem uma embriaguez...

DECIO — Silencio, meus senhores! ouçamos o orador.

TAVARES — Começarei de novo: Formosa Magdalena; em nome de todos esses bebedos aqui presentes que são aliás uns grandes espiritos, mesmo assim mergulhados nos vapores do alcool, venho levantar-vos o brinde official, que me cumpre erguer em nome d'essa bohemia ruidosa que tanto adora o vinho, o talento e as mulheres formosas. Eu ergo o brinde, pois, a essa Magdalena que por unanime aclamação nos preside, uma Magdalena que, acredito, sempre terá o bom senso de nunca arrepender-se, não imitando assim a sua celebre homonyma da Biblia. A' Magdalena, meus senhores!

Todos — Hip! hip! hip! hurrah!

AUTRAN —

A' mais bella que a açucena,
A' formosa Magdalena.

CONSELHEIRO — (*Para Magdalena*). Aceite as humildes vassalagens do seu mais sincero admirador. Não pôde imaginar! Estou contentíssimo!

MAGDALENA — Agradecendo o bondoso brinde que os meus amigos acabam de levantar-me pelo orgão do Snr. Tavares, eu aproveito a occasião para, retribuindo-o, declarar o motivo d'esta pequena festa intima, àquelles que tão generosamente me têm engrandecido e honrado, com o

seu apoio moral. O meu intuito em reunir-vos, foi para apresentar hoje as minhas despedidas. Dentro de dois dias deixarei saudosa e reconhecida estas hospitaleiras plagas. Eu me despeço, pois, de vós outros e bebo à vossa saúde. (*As taças toção a de Magdalena*).

CONSELHEIRO — (*A parte*). E esta! no começo do meu idyllio. (*Alto*). Ah! estou tristissimo!

TAVARES — Não nos dirá o motivo de uma resolução assim inesperada?

MAGDALENA — Peço permissão para calar esse motivo. (*Pausa*).

TAVARES — Bem, meus senhores, depois de tão desoladôra nova, que ninguem de certo esperava, já não ha animação possível, em volta d'esta mesa. Convido-os a esparecermos um pouco lá por fora, onde tomaremos melhor o café. (*Todos levantão-se da mesa*).

MAGDALENA — Mas não entristeçam assim com a noticia. Eu tenho fé que hei de voltar breve.

CONSELHEIRO — Quem nos dera! ah! estou tristissimo!

TAVARES — Vamos, meus senhores.

MAGDALENA — Queiram aguardar-me um instante no salão.

AUTRAN — (*Sohindo*).

Ella foi-se e com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante...

CONSELHEIRO — Estou tristissimo!

(*Todos sahem, menos Magdalena*).

SCENA VIII

Magdalena (*Só*).

E' preciso que eu me vá, para sempre... E' preciso evital-o... Sinto que vou apaixonar-me por elle que tanto soube comprehender-me. (*Pausa*). Tenho febre! muita febre... Sinto a cabeça andar-me à roda, e uma agonia infinita no coração. Ah! (*Dobra a cabeça entre as mãos n'um accesso de tosse; leva o lenço a bocca e retira-o, após o accesso, contemplando-o*). Sangue! Ah! isto vae tocar no seu fim, tem sido tão longa essa espinhosa travessa cheia de urzes, que a paz do ultimo somno se me abre como um seio materno para esconder-me afinal aos olhos do mundo e furtar-me ao espectaculo de sua miseria. Cheguei ao cimo do meu Calvario, e a propria energia do meu odio sente-se abalada diante de um sentimento de gratidão e amor. Está finda a minha missão desoladora e inutil. Morte! sejas tu a resurreição de uma nova aurora, o berço de uma desconhecida existencia, o desdobraimento de um continuado sonho; ou sejas a paz infindavel, o anniquilamento de todas as ambições — desejo-te e espero-te para contigo adormecer no somno infindo arrancando, com o ultimo grito dilacerante do desespero, as garras aduncas que o odio, como animal bravo, enterrou no fundo do meu coração. Abre-me os braços, compassiva e bôa, adormece a lucta d'este pobre coração revoltado, unge-me a alma com a suprema ternura que o mundo regeitou-me, cerra me lentamente os olhos com o teu beijo alido e doce. para que elles não vejam

mais a miseria do mundo, abriga-me na tua sombra infinita, para que por fim eu descance no teu seio, fugindo as tempestades da vida! Morte! tu deves ser o esquecimento supremo, para que sejas o supremo bem! Só tu és a solução final de todas as luctas do meu pobre coração. (*Sobreveem novo acesso de tosse; deixa cahir o lenço*).

SCENA IX

Magdalena e Abelardo

ABELARDO — (*Sorprehende o acesso de tosse e apanha o lenço que Magdalena deixara cahir e contempla-o*). Magdalena, porque te matas assim? Porque esse suicidio lento?

MAGDALENA — Não é nada, meu amigo, não é nada... Foi um ligeiro acesso, que ha de passar... Tenho isso, às vezes...

ABELARDO — Não me illudas. (*Apresentando o lenço*). Eu bem vejo aqui a triste verdade!

MAGDALENA — Não! eu agradeço-lhe, oh! de todo o meu coração o seu interesse e a sua piedade! Mas affirmo-lhe, que não é nada.

ABELARDO — Ah! não me o negues! Eu leio na tua physionomia como um livro. Abre-me por fim o teu coração como a um amigo, como se fallasse ao teu proprio Deus. Eu sei que te matas, sim, voluntariamente, porque, n'essa vida ruidosa de apparente felicidade que levas, não tens força bastante para resistir aos teus desenganos.

MAGDALENA — Pois bem! quer que lh'o diga? é essa a verdade. Tenho insultado demais o mundo... sinto-me exausta e desfallecida. Aspiro o des-

canço infindo, o somno de que não se acorda. Já não desejo mais nada... nada... A hediondez do mundo me aterra, a chaga da sociedade assombra-me e gela-me de horror e tédio, de nojo e repulsão... Era preciso uma alma de bronze para resistir mais...

ABELARDO — E porque se vae embora? Porque se obstina em ir morrer longe, cercada de rostos indifferentes, se aqui havia de ter uma doce mão amiga e sincera, que lhe cerrasse piedosamente os olhos, no sapremo instante? Si aqui o seu coração bateria a ultima pancada sobre um coração que o comprehende e... o ama!

MAGDALENA — Abelardo, meu amigo, não diga isso, não diga essa blasphemia, porque o mundo poderia ouvir-o! Esquece-se de quem eu sou, meu amigo? Não! eu já não posso ouvir essa palavra, cuja estranha melodia perdeu-se entre o surdo rumor das minhas paixões. E por isso mesmo que eu me vou...

ABELARDO — Mas é horrivel tudo quanto me dizes, Magdalena! Que me importa, que nos importa o mundo — a sua cólera, a sua insensatez, o seu poderio e os seus preconceitos? Tu vales mais do que elle, no seio de tua degradação; na degradação do corpo, que não attingiu a alma, que eu vejo, immaculada e santa, pairando luminosa acima do estygma dos beijos sordidos, que o mundo te deixou nos labios. Vamos, Magdalena, que nos importa o mundo? Fugamos para bem longe, onde possamos tecer amorosamente o nosso ninho e construir o nosso amor, no silencio dos corações, que não precisão de palavras para comprehender-se... Vamos! tu não morrerás! tu re-

viverás ao calor do meu carinho e do meu affecto.

MAGDALENA — Não, Abelardo, é tarde de mais ! Eu morro, não vê? E' só o espirito que me mantém de pé, eu o sinto bem! Mas quando assim não fôra, meu amigo, eu não lhe consentiria a posse d'este coração ! Eu lhe agradeço, muito, muito, a sua piedade e a sua abnegação! Outr'ora, sim! Hoje é impossivel! Não vê? o meu coração, dilaceraram-n'o, cuspiram-n'o, revoltaram-n'o, pisaram-n'o a pés. Varem-n'o com o olhar, transvassem-n'o com um estylete, arranquem-n'o com as fibras palpitantes, e só encontrarão odio eterno e immortal ! Não sou eu a culpada; são elles! elles que roubaram-me tudo ! Ah ! sociedade insolente, egoísta, sem justiça nem misericordia,— eu te amaldiçôo. (*Cae desfallecida nos braços de Abelardo*).



FIM DO 3.º e ULTIMO ACTO



Livraria Magalhães

Fundada em 9 de Outubro de 1888

RUA DE PALACIO, 26 - BAHIA

EDIÇÕES DA CASA

Dr. Clovis — Direito das Obrigações	20\$000
» » — Criminologia e Direito	7\$000
» » — Legislação Comparada	15\$000
» » — Juristas Philosophos	7\$000
» » — Direito das Successões	20\$000
» » — Epochas e Individualidades	3\$000
» Aurelin — Gernens do Crime	7\$000
» » — Regimen Penitenciario	2\$000
» » — Religião entre os Condem- nados da Bahia	1\$000
Arão — Adultera	3\$000
» — Drama do odio	2\$000
Um Novo Systema de Curar, comedia	1\$000
Um Doutor em Medicina	1\$000
Um pelo gutro	1\$000
Castro — Impressionistas	2\$000
Dr. Egas — Vida e Phenomenos Vitaes	10\$000
Dr. Carvalho — Genios	2\$000
Dr. Muniz — Peste Babonica	5\$000

EM DEPOSITO

Dr. Clovis — Direito da Familia	
» » — Esboços e Fragmentos	
Wanderley — Fisco	
Bruno — Brazil Mental	
Oliveira — Sinhá	
Guerra Junqueiro — Patria, extraordinario poema, que denuda o acervo de miserias dos cevados bragantinos.	

